

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE GESTÃO E ECONOMIA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

PATRICIA TOMAZELLI

**CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DE MULHERES TRANS NO MUNDO DA
PROSTITUIÇÃO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2016

PATRICIA TOMAZELLI

**CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DE MULHERES TRANS NO MUNDO DA
PROSTITUIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Diplomação, do Curso Superior de Administração do Departamento Acadêmico de Gestão e Economia – DAGEE – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito Parcial para obtenção do título de Graduado.

Orientador: Francis Kanashiro Meneghetti

CURITIBA

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DE MULHERES TRANS NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO

Por Patrícia Tomazelli

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação foi apresentado às 10h30min do dia 01 de junho de 2016 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, do curso de Administração do Departamento Acadêmico de Gestão e Economia (DAGEE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). A aluna foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

- () Aprovado
- () Aprovado com restrições
- () Reprovado

Curitiba, 01 de junho de 2016.

Prof. Dr. Ivan Carlos Vicentin
Coordenador de Curso
Administração

Profª Dra. Aurea Cristina Magalhães Niada
Responsável pelos Trabalhos de Conclusão de Curso
de Administração do DAGEE

ORIENTAÇÃO

Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Orientador

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Nanci Stancki da Luz
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Leonardo Tonon
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Observação:

Folha de Aprovação assinada se encontra na Coordenação do Curso de Administração do Departamento de Gestão e Economia da UTFPR.

À Carla Tomazelli, por acreditar e me incentivar a fazer o curso de Administração.

À Yudi Matsunaga, companheiro, melhor amigo e que em qualquer momento esteve ao meu lado.

À Francis Kanashiro Meneghetti, por aceitar a ser meu orientador e pelo incentivo sobre o tema.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para realização desse trabalho.

Ao meu orientador, Francis Kanashiro Meneghetti, por ter aceitado ser meu orientador. Por ter me dado apoio, incentivo e sempre ter um tempinho na semana para tirar minhas duvidas e me orientar da melhor maneira.

A minha mãe, Carla Sueli Tomazelli, pelo amor, puxões de orelha para que eu escrevesse da melhor maneira meu trabalho.

Ao meu namorado, Yudi Matsunaga, pelo amor, incentivo, ajuda nas tardes que tinha que sentar e escrever e pelo apoio incondicional.

Obrigada meus amigos, que nos momentos de minha ausência dedicados ao desenvolvimento desse trabalho, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

E a todos e todas que acharam um máximo esse tema e que querem conhecer mais desse mundo.

E por fim, a todos e todas, que de alguma maneira, direta e indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

TOMAZELLI, Patrícia. **Condições de vida e trabalho de mulheres trans no mundo da prostituição**. 2016. 53 f. Monografia (Graduação em Administração) – Departamento Acadêmico de Gestão e Economia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, 2016.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem sobre a vida e condições de trabalho das mulheres trans na prostituição. Discute os conceitos dentro do mundo das transexuais. Mostra algumas nomenclaturas da identidade do gênero. No Brasil as categorias travesti e transexual caracteriza um tipo específico de expressão de gênero no qual difere do feminino e masculino. As mulheres trans procuram modificar seus corpos biologicamente masculinos através de cirurgias, bem como o consumo de hormônios femininos. Algumas mantêm seu pênis, e outras fazem a redesignação genital. Sem condições psicológicas de concluir a escolaridade e expulsas de casa quando crianças, muitas optam pela prostituição. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Pouquíssimas trans conseguem passar dos 35 anos de idade.

Palavras-chave: Travestis. Transexuais. Condições de Vida. Prostituição. Mulheres trans. Gênero. Identidade de gênero.

ABSTRACT

TOMAZELLI, Patrícia. **The daily life and work conditions of transexual women in the prostitution world.** 2016. 53 f. Monograph (Undergraduate Business Administration) - Academic Department of Management and Economics, Federal Technological University of Paraná - UTFPR. Curitiba, 2016.

This research presents an approach about the daily life and the work conditions of transexual women working in the prostitution. Discuss the concepts of the transexual world and explain it for the better understanding of the matter. In Brazil, there are a lot of labels to characterize the transexuals beyond the usual male and female genders. The transexual women try to modify their bodies, biologically male bodies, into a women's bodies through hormones and surgeries. Some of them keep their penises and others do the surgery to remove the genital. Without the psychological conditions to finish school most of them are thrown out of their houses so they opt for the prostitution in a way to have a income. Brazil is the country that kills more transexuals *per capita* around the world. Few of the transexuals get to 35 years old and a lot less get pass through that.

Key words: Transexuals. Condition of living. Prostitution. Trans women. Gender. Gender identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEME – Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis

ANTRA – Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros

CID – Classificação Internacional de Doenças

CNCD/LGBT – Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

DSTs – Doenças sexualmente transmissíveis

GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, ou Transexuais ou Transgênero

INEP – Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

MHB – Movimento Homossexual Brasileiro

OBS – Observatório de Segurança Pública

RENATA – Rede Nacional de Travestis

RENTAL – Rede Nacional de Travestis e Liberados

SUS – Sistema Único de Saúde

TGEU – Transgender Europe

UBT – União Brasileira de Transexuais

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Monitoramento de Assassinatos Trans 2015. TMM Números Absolutos	37
Gráfico 2 – Número de pessoas Trans assassinadas por milhão de pessoas. TMM Números Relativos, 2015.	38
Gráfico 3 – Monitoramento de assassinatos Trans 2008 – 2015. TMM Números absolutos	39
Gráfico 4 – Gráficos estatísticos do relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Relação suspeito vítima	41
Gráfico 5 – Gráficos estatísticos do relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Local da violação	41
Gráfico 6 – Gráficos estatísticos de Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2014. Vítimas por segmento LGBT 2014	42
Gráfico 7 – Gráficos estatísticos de Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2014. Vítimas por segmento LGBT 2012 vs. 2013 vs. 2014	42
Gráfico 8 – Gráficos estatísticos de Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2014. Vítimas por estado e por segmento LGBT 2014	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados retirados do site Curitiba Class	27
Tabela 2 – Dados retirados do site Curitiba Class	28
Tabela 3 – Dados retirados do site Elite	29
Tabela 4 – Dados retirados do site Elite	30
Tabela 5 – Dados retirados do site Travesti Mix	31
Tabela 6 – Dados retirados do site Travesti Mix	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.2 Justificativa	15
2.1 O que é gênero?	16
2.2 Quais tipos de gênero existem?	17
2.3 Gênero trans	18
2.3.1 Onde surgiu?	18
2.3.2 Quais características?	19
2.3.3 Como é visto hoje	20
2.4 O que é indústria do sexo?	20
2.5 Quais são os produtos da indústria do sexo?	21
2.6 O que é prostituição?	22
2.7 Quais tipos de prostituição existem?	22
2.8 O que é prostituição de mulheres trans?	23
2.9 Como se caracteriza a prostituição de mulheres trans?	23
2.10 Condições de trabalho	23
2.10.1 Trans em geral	23
2.10.2 Prostituição trans	24
3. METODOLOGIA	24
4. ANÁLISE DOS DADOS	26
5. CONCLUSÃO	48
6. REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país tradicionalista e extremamente conservador, são muitos os preconceitos sociais. Entre eles, o racismo, homofobia, transfobia são os mais evidentes. Cada vez mais escutamos e vemos em meios sociais sobre a discriminação, sobre assassinatos, espancamentos contra homossexuais. (CLEYTON GARCIA, 2015) O índice de mortes por homicídio contra homossexuais e transexuais são o maior do mundo. No Brasil, a LGBTFOBIA é ignorada nos registros oficiais. (Dayane Saleh e Lynn Court, 2016)

“A população travesti e transexual é encarada desde um pensamento ideológico maior e patriarcal, como uma degradação moral do ser”, relata Assucena no vídeo “Como se esconde a LGBTfobia.

Para muitas mulheres trans, o mercado da prostituição acaba sendo a única forma de conseguirem um sustento, pois o preconceito dificulta muito a inserção no mercado formal. Essa evidência pode ser verificada na notícia publicada por Nádia Lapa, “O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho”, no site Carta Capital em 2013, que mostra que 90% das travestis e transexuais brasileiras estão na prostituição por não encontrarem um emprego formal.

Ser mulher trans, homem trans, transexual, travesti, entre outras identidades de gênero, é visto com muito preconceito pela sociedade. Indivíduos que não se “enquadram” no que a sociedade impõe como padrão são criminalizados e estão sujeitos a condições de vida degradantes e/ou marginalizadas. Hipóteses como a de que elas não conseguem estudar, trabalhar formalmente ou mesmo ter uma vida aceita socialmente, são facilmente comprovadas quando é feito uma análise individual e qualitativa de cada trans. Esta condição de gênero pode levar a prostituição, como opção para garantir a sobrevivência financeira.

[O] preconceito é tão intenso que há quem use o termo ‘transfobia’. Os assassinatos de travestis costumam ser muito cruéis. É um nível de violência altíssimo. Há o preconceito pela orientação sexual, mas, principalmente, pela identidade de gênero. Marcos Garcia, Psicólogo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-Sorocaba).

A expectativa de vida das travestis é de 35 anos e o Brasil é considerado o país com mais assassinatos de travestis e transexuais¹. Elas são marginalizadas por terem nomes diferentes do seu gênero e com uma justiça lenta e falha não conseguem fazer valer os seus direitos civis, conforme demonstra o depoimento:

Não somos cidadãos, não temos nem documentação coerente com o nosso gênero. Isso causa um mal-estar, uma humilhação constante. A sociedade nos coloca como doentes mentais - João W. Nery

O mercado do sexo movimenta cerca de R\$ 1 bilhão por ano no Brasil, segundo a Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico (ABEME). Mas movimenta US\$ 46 bilhões no mundo inteiro e a estimativa que esse valor dobre até 2020.² E com o passar dos anos esse mercado foi se expandindo e criaram-se produtos eróticos para satisfazer fantasias em geral. Esse mercado vem crescendo de uma maneira rápida no Brasil, mas o país ainda fica atrás da Alemanha e EUA (ESTATÍSTICAS ABEME, 2014). A venda de produtos eróticos cresce a cada ano mostrando que o público está deixando o preconceito de lado e explorando mais sua sexualidade.

No Brasil a empresa Hot Flowers é a maior empresa que fábrica produtos sensuais, levando em conta a qualidade, certificação do Ministério da Saúde e Anvisa. A maioria das vendas desses produtos são feitas via internet ou consultoras domiciliares.

A prostituição em alguns países da Europa, como Alemanha e Holanda. Ou da Oceania, como a Nova Zelândia é legal. Todavia, ela pode ser considerada uma ameaça à dignidade humana por conta do tráfico de pessoas e da exploração econômica do mercado do sexo. No Brasil a prostituição não é considerada crime, mas há casos de prisões por ser uma forma de incitação pública ao ato sexual. E não há condições de trabalho ou legislação específicas que regularizem a profissão.

No artigo 216 do Código Penal deixa claro que:

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.” (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001).

¹ Retirado da notícia escrita por Marie Declercq, no site www.vice.com, no dia 06 de março de 2015. – “O Dia da Mulher Também Pertence às Transexuais e Travestis

² Segundo notícia sobre o mercado erótico, publicada no dia 06/09/2013 na IstoÉ Dinheiro

Pena - detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos. (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001).

§ 2º A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos. (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009).

§ 2º A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos. (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009).

Com os avanços das tecnologias de comunicação, as profissionais do sexo usam anúncios em jornais e/ou revistas, internet (sites especializados em propagandas do gênero), divulgam seus contatos telefônicos (utilizando WhatsApp para se comunicar com o cliente) e usam o Skype (sistema que usa a câmera do computador ou celular para se comunicar com uma outra pessoa que esteja em um local diferente do seu) para realizar seus contatos profissionais.

Algumas leis procuram assegurar os direitos destes grupos. E para as travestis e transexuais, que será o assunto desse trabalho, descreverei algumas delas. Sendo uma o direito de usufruir dos serviços oferecidos pelo SUS e ser chamadas pelo nome social. Que está no art. 4º - inciso I, da Portaria nº 1820, de 13 de agosto de 2009.

O nome social para travestis e transexuais na Administração Pública agora é um direito humano. No dia 28 de abril de 2016 foi assinado um decreto pela Presidente Dilma Rouseff. Esse decreto descreve que os órgãos da administração pública federal deverão permitir o uso do nome social de transexuais e travestis em todos os documentos oficiais, como crachás, fichas e publicações no Diário Oficial da União (DOU). Além disso, os órgãos deverão disponibilizar nos formulários e sistemas de registro de informações o campo "nome social". (Secretaria de Direitos Humanos).

O estudo apresentado aqui é resultado de uma pesquisa realizada entre agosto de 2015 e maio de 2016, com objetivo de conhecer mais sobre as condições de trabalho das mulheres trans que trabalham com prostituição. Além dos artigos e documentários pesquisados, houve também a participação no XI Encontro Regional Sul de Travestis e Transexuais e I Jornada de Redução das Vulnerabilidades às Hepatites Virais, Sífilis, Tuberculose e DSTs da população travestis e transexuais. Evento que ocorreu nos dias 12 a 16 de novembro de 2015. Esse evento foi onde foram coletados alguns dos dados, entrevistas e contatos para desenvolver esse trabalho.

Esse encontro proporcionou um aprendizado de grande valia e que estão sendo usados nesse trabalho. Também houve a oportunidade de conseguir alguns colaboradores que ajudaram a desenvolver esse trabalho de maneira coesa com a realidade que essas mulheres trans vivem. (realizou entrevistas. Não conseguir os contatos)

Também ocorreu a assessoria de uma psicanalista que conhece esse meio, onde foi explicado o que é considerado uma mulher transgênera pelos meios psicanalíticos. Assim sendo, foram elucidadas algumas definições e como funciona esse “mundo”.

Assim esse estudo irá mostrar outra realidade sobre um mundo, que muitas pessoas desconhecem. No decorrer serão mostradas quais as condições de vida e trabalho das profissionais do sexo trans, e conseqüentemente quais preconceitos e violências às quais estão submetidas. Um mundo que é totalmente diferente da realidade de pessoas que tiveram uma família presente, educação de qualidade, que nunca sofreram com o preconceito e que não conhecem o outro lado da vida.

Na apresentação terá;

- a. Análise do perfil das prostitutas a partir da análise de três sites de divulgação de serviços;
- b. Análise das condições físicas, psicossociais e de segurança as quais estão submetidas às profissionais do sexo trans;
- c. Análise a auto percepção que as profissionais têm sobre seu trabalho.

1.2 Justificativa

Uma das maiores dificuldades foi o fato de se ter pouquíssimos estudos sobre o tema escolhido para entender as circunstâncias e assim procurar soluções. Os estudos encontrados no site Scielo mostra, na sua grande maioria, estudos sobre transexuais e HIV, DST's. A essência de desenvolver esse trabalho relacionado à vida e condições de trabalho das mulheres trans na prostituição foi devido há escassez de estudos relacionados ao tema e da curiosidade de conhecer em maior profundidade a realidade profissional dessas pessoas pertencentes a esse universo claramente discriminado e excluído socialmente.

Em Curitiba temos ruas que a noite são notoriamente conhecidas por terem mulheres trans que estão ali para se prostituírem. Mulheres que poderiam estar trabalhando no mercado formal, mas que na grande maioria estão em situações precárias pois o mercado de trabalho não as aceita.

No Brasil a prostituição não é considerada crime, mas o lenocínio sim. Conhecido pela população com “cafetinagem” a qual é considerada uma prática criminosa que consiste explorar o comércio sexual alheio com o intuito de lucro (Artigos 227 a 230 do Código Penal).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é gênero?

Desde cedo, somos ensinados que existe separação clara entre homem e mulher formada pela sociedade, desde o nascimento, seguindo a crença que os órgãos genitais definem se o indivíduo é menino ou menina. (JESUS, 2012).

A distinção entre sexo e gênero foi introduzida na psicanálise pelo psicanalista norte-americano Robert Stoller,

“O gênero é a quantidade de masculinidade, ou de feminilidade, que uma pessoa possui. Ainda que existam misturas dos dois nos seres humanos, o homem (*male*) “normal” possui uma preponderância de masculinidade, e a mulher (*female*) “normal” uma preponderância de feminilidade” (Stoller, 1978, 61).

Para compreender gênero é preciso antes diferenciá-lo do que se entende por sexo biológico. Segundo a psicanalista Elizabeth Zambrano, doutora pela UFMG, sexo é o aspecto biológico da identidade sexual do indivíduo e é definido pelas características físicas que diferenciam entre homens e mulheres, dos os órgãos genitais até hormônios, seios e barbas.

O gênero é um conceito construído através do carácter cultural e histórico da sociedade. Tratava-se de um processo de percepção do indivíduo e como ele se identifica.

O gênero é um processo importante para construção de si próprio, onde os cromossomos ou as genitálias não definem homem ou mulher, mas sim a forma de como o indivíduo se porta perante a sociedade.

O termo gênero foi conceituado pelas Ciências Sociais nos anos 70, é relativo à construção social do sexo. Significa a “distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres” (HEILBORN, 1991) Heilborn, diferencia as terminologias quando diz que o termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos.

Neste contexto, entra a questão do gênero, onde o indivíduo percebe-se a si mesmo com uma identidade de gênero diferente daquela que lhe foi dada ao nascimento, assim conhecida pela maioria das pessoas como travestis e transexuais, que são tratadas no geral como “transgênero”. (JESUS, 2012)

2.2 Quais tipos de gênero existem?

Inicialmente, existe o sexo biológico homem e o gênero mulher. Denotada de diferenças impostas pela sociedade, biologicamente partindo do princípio de que homem possui pênis e mulher, vagina. Um possuindo cromossomos XY e outro XX, respectivamente.

Partindo dessa concepção entramos nas identidades de gênero, que é nada mais que o gênero com o qual o indivíduo se identifica, podendo ser de acordo ou não com o gênero que foi lhe atribuído em seu nascimento. (JESUS, 2012). Entre as classificações de gêneros possíveis, destacam-se:

a. Cisgênero: são pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi dado assim que nasceram.

b. Transgênero: grupo de pessoas que não se identificam com o gênero de nascimento, tendo comportamentos e/ou papéis diferentes do gênero imposto.

c. Travesti: no dicionário significa, que em espetáculos ou shows, o artista que se veste com roupas características do sexo oposto. Mas geralmente, referem-se aos homossexuais cujas vestes e/ou comportamentos denotam particularidades ou ações características do sexo oposto. Para os transgêneros, é um grupo de pessoas que se traveste durante o dia inteiro.

d. Intersexual: conforme denominação médica são pessoas hermafroditas verdadeiros (pelo dicionário: é o indivíduo que nasce com dois órgãos genitais, tanto masculino quanto feminino, ao mesmo tempo) e pseudo-hermafroditas.

e. Nulo: pessoa que nasce destituída de qualquer traço genital definido.

f. Crossdressers: grupo de pessoas que se vestem com roupas do sexo opostos para satisfazer apenas seus fetiches.

g. Homem trans: são mulheres que se sentem e se portam como homens, mas sem fazer a mudança de sexo.

h. Mulher trans: são homens que se sentem mulheres, mas não optam pela mudança de sexo.

i. Transexuais: são homens e mulheres que não se identificam com o gênero dado a eles na hora do nascimento e que mais tarde podem vir ou querem fazer a mudança de sexo.

j. Queer ou Andrógino: termo ainda não muito utilizado, pois a pessoa não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

De forma geral, a expressão de gênero é a forma que o indivíduo manifesta sua masculinidade ou feminilidade. Está associado ao jeito que nos vestimos, comportamos, expressamos, corte de cabelo ou maneira de andarmos perante a sociedade.

Os homossexuais não entram na classificação de gênero, mas sim de orientação sexual. E as transformistas ou Drag Queen (são homens que fazem apresentações vestidas como mulheres) e Drag King (são mulheres que fazem apresentações vestidas como homens) consideram que a inversão do gênero como espetáculo, e não como identidade. (JESUS, 2012)

2.3 Gênero trans

2.3.1 Onde surgiu?

No Brasil o termo travesti surgiu na Lapa, Rio de Janeiro, pela conhecida Madame Satã³. Considerada desordeira, desvirtuada do gênero dado ao nascer,

³ Filme de Madame Satã disponível no Youtube

vista sempre com as prostitutas (porque também era uma), propensa ao crime e nociva pra a sociedade.

Carvalho e Carraro, em 2013, descrevem que os debates sobre transexualidade e a construção da categoria “transexual” como identidade diferente que a de “travesti” começou entre o final de 1990 e começo dos anos 2000. Ainda nos anos 90, as organizações de travestis participaram do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), sendo mais específico no ano de 95 quando isso ocorreu, onde se criou a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) e as travestis começam a fazer parte da sigla. Com os passar dos anos a sigla GLBT foi se consolidando e o “T” dependendo da política local, pode-se ser usado para “travestis”, ou “transexuais” ou “transgênero”.

Em 24 de janeiro de 2005, em Curitiba, na I Conferência Nacional de GLBT foi fundada a UBT – União Brasileira de Transexuais, tendo existido por poucos meses. Mais tarde, foi decidido que a sigla oficial a ser usada passaria para LGBT, sendo que a letra “T” refere-se apenas pra travestis e transexuais. (CARVALHO E CARRARO, 2013).

2.3.2 Quais características?

As mulheres trans se caracterizam por usarem nomes, roupas e demais acessórios femininos, além de geralmente usarem hormônios femininos e injetarem silicone em seus corpos para ficarem mais próximas da aparência desejada. Uma característica comum entre elas é não terem vontade de retirar o pênis porque essa estética atraem outros homens.

Neste contexto, a sedução das mulheres trans se baseia em terem coxas rígidas e torneadas, os quadris largos e a bunda redonda. Entre elas essa concepção de corpo feminino constitui sua identidade (principalmente identidade de gênero) perante a sociedade e como processo de identificação como pessoa. Em relação a esse conceito, elas não se sentem mulheres em corpos de homem, mas sim como homens que melhoraram seus corpos. (FIRMINO, 2009)

Para se sentirem mais femininas elas necessitam, além dos atributos femininos, se sentirem desejadas por outros homens. Dentro de uma relação amorosa a mulher trans precisa de um namorado ou marido que faça a penetração anal e que jamais aconteça o papel inverso entre eles (FIRMINO, 2009).

A identidade de gênero, trans ou travesti, acontece conforme como cada pessoa trans se identifica. Para não cometer erros o ideal é perguntar qual a identidade a mesma se considera. No entanto, muitas vezes elas já o fazem no começo da conversa.

Muitos acham que pessoas de classe alta e que tem dinheiro para fazer a redesignação genital (mudança de sexo) são as transexuais, e que as de classe baixa, são as travestis. Todavia, isto não é assim. Por mais demorado e burocrático que seja o Sistema único de Saúde (SUS), ele já oferece essa cirurgia.

2.3.3 Como é visto hoje

No século XXI, as travestis e transexuais ainda sofrem com o preconceito, discriminação e exclusão social. Nossa sociedade ainda vivencia preconceitos seculares, inclusive no meio científico. Na CID 10 - F64, pessoas transexuais e travestis são enquadradas no chamado Transtorno de Identidade de Gênero, viabilizando que esse desejo de viver como sexo oposto do que foi taxado ao nascer entra na patologia, que nada mais é o estudo dessas pessoas que são consideradas doentes.

Na pesquisa feita sobre a situação de crianças e adolescentes na América Latina, entre os anos de 2008 e 2011 mostrada em novembro de 2012 no IV Seminário Internacional: Direitos Humanos, violência e pobreza, o Brasil é o país no qual mais se matam pessoas trans no mundo com 325 assassinatos. (JESUS, 2012) No Brasil, um gay, travesti ou lésbica é barbaramente assassinado a cada dois dias, vítima da homofobia ou transfobia. (MOTT, 2006) O OBS (2010) estima que o risco de uma travesti ou transexual ser assassinada na rua é 259 vezes superior à dos gays e lésbicas.

2.4 O que é indústria do sexo?

Em 1600 A.C. onde se sabe que tem indícios do começo da prostituição e que depois de milhares de anos trouxe a essa profissão um meio de ganhar muito dinheiro.

Para que a indústria do sexo ganhasse notoriedade, primeiro veio a Revolução Industrial e que com isso veio à prostituição como comércio institucionalizado, os filmes eróticos no século XX e produtos eróticos que servem aos fetiches (produtos vendidos pelos sex shops). Na atualidade, a indústria do sexo movimenta mais de dois milhões e setecentos mil por dia no Brasil⁴.

2.5 Quais são os produtos da indústria do sexo?

A tecnologia ajudou e muito para o avanço de produtos nesse meio. Por exemplo, aqui no Brasil existem quase 100 empresas entre fabricantes, distribuidores e importadores de produtos eróticos e que empregam mais de 50 mil pessoas.

Esse mercado de produtos está em alta e com uma gama de produtos dos mais variados possível. Desde pênis de borracha/silicone a calcinhas comestíveis e até ursinhos de pelúcia com vibradores. Eles são vendidos em sex shops, por internet e até mesmo por consultoras a domicílio.

Após o lançamento do livro e do filme '50 Tons de Cinza' o mercado erótico cresceu ainda mais e com ele as vendas de produtos sado masoquistas alavancou de vez. Os produtos que mais saíram das prateleiras foram as algemas, venda de cetim cinza e a bolinha de pompoar.⁵ Junto a este comércio, o de filmes eróticos é outro grande negócio, sendo o faturamento anual no contexto global maior que dos filmes tradicionais.

A prostituição é outro importante negócio no mercado global. Este constitui provavelmente a maior fatia econômica da indústria do sexo. Como geralmente é um negócio informal, é impossível calcular os valores totais gerados.

⁴ A LIGA – Indústria do Sexo. Disponível no Youtube

⁵ Fonte: Abeme (Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual)

2.6 O que é prostituição?

É a troca consciente de favores sexuais por troca de dinheiro. Antigamente no Egito as prostitutas eram vistas como divindades sagradas que recebiam presentes como moeda de troca para o sexo. Já na Grécia elas eram vistas como encarnação de Afrodite (deusa do amor, beleza e sexualidade), onde ofereciam o sexo em ocasiões especiais e a prostituição era considerada uma fonte de renda como qualquer outro. Na cultura judaica e cristã as profissionais do sexo eram severamente punidas (CECCARELLI, 2008).

Depois da Revolução Industrial as mulheres sofreram com a desigualdade no emprego e com os malefícios do capitalismo, e começaram a se prostituírem para complementar sua renda, conseqüentemente conseguindo uma condição de vida mais aceitável.

2.7 Quais tipos de prostituição existem?

Filmes pornô: até um tempo atrás esse mercado estava em constante crescimento e com grandes vendas de DVDs e Blu-rays, mas com o começo da pirataria (física ou online) e dos sites gratuitos os fabricantes desses filmes tiveram que tomar novas estratégias para não perderem mais dinheiro. Então para isso eles migraram para sites e plataformas portáteis, divulgando seus filmes de sexo explícito, mas cobrando um valor específico para cada um.

Casas: são lugares fechados onde mulheres ou homens fazem shows de *strip tease* com danças sensuais.

Rua/pista/avenida/esquina: ficar em ruas, avenidas e esquinas onde se é conhecido ter prostituição.

Plataformas disponíveis pela Internet: meios de fazerem sexo ou danças sensuais para outras pessoas através de um computador, celular, ou tablet que tenha uma câmera para filmar.

Outros tipos de prostituição são divulgados em anúncios em jornais e sites, disponibilizando o telefone para que o cliente possa entrar em contato.

2.8 O que é prostituição de mulheres trans?

A prostituição é entendida por três formas diferentes pelas mulheres trans: 1) como um trabalho sujo, no qual se envolveram por necessidade, como última opção, pois não tiveram a oportunidade de ter uma trabalhada com carteira assinada e com intuito de sair dessa profissão assim que conseguirem; 2) como uma forma de crescer socialmente e conquistar seu próprio dinheiro; 3) como um trabalho que gera sua renda diária e proporcionando um ambiente de descontração. (PELÚCIO, 2005).

As “bombardeiras” são as travestis que “constroem” seu corpo com diversas técnicas, como: injeção de hormônios femininos, cirurgias para colocar próteses de silicone, cirurgias em geral para se tornarem mais parecidas possíveis com mulheres (PELÚCIO, 2008) e conseqüentemente ganhando mais clientes com esse estereótipo.

2.9 Como se caracteriza a prostituição de mulheres trans?

Na noite a grande maioria dos clientes das mulheres trans são homens casados, com faixa etária entre 30 a 45 anos e que buscam sexo com elas para realizar seus fetiches, muitas vezes sendo a parte passiva da relação sexual e alguns com gostos sadomasoquistas. (PELÚCIO, 2005).

2.10 Condições de trabalho

2.10.1 Trans em geral

Como para todos o processo de envelhecimento é difícil. Para as mulheres trans profissionais do sexo não é diferente. Elas vão envelhecendo e tendo a dificuldade de encontrar clientes e como elas vivem em constante busca do corpo perfeito, cujo limite é determinado pelo tempo elas começam o processo de auto discriminação. (INRIGARAY, 2010).

As mulheres trans brasileira também correm o risco de serem traficadas e exploradas por redes criminosas e vinculadas ao tráfico internacional. Nos países

como Itália e Espanha, elas procuram rotas alternativas para ganhar mais dinheiro, mas acabam em situações precárias, raramente são vistas circulando pelas cidades europeias durante o dia. (TEIXEIRA, 2008).

Como elas vivem em constante risco de sofrerem algum tipo de violência no seu ambiente de trabalho, muitas das mulheres trans possuem porte de arma branca e por essa circunstância elas estão propícias ao alcoolismo e entrarem para o mundo das drogas. (PELÚCIO, 2005).

2.10.2 Prostituição trans

Como a mudança física é muito difícil e para que elas consigam sobreviver e conseguirem se transformar, elas necessitam de um “amadrinhamento” para que isso se torne mais fácil e acolhedor. (PELÚCIO, 2005).

As travestis e transexuais ocupam o maior grupo social dentro da discriminação e a violência desmedida na sociedade brasileira. (RAMOS, OLIVEIRA, SILVA, RAMOS, 2014) As organizações políticas de travestis e transexuais surgem num local onde a AIDS está tomando conta de pessoas trans e transgênera. E para combater esse problema foi formado o movimento nacional de travestis através do RENTRAL, que mais tarde viria se chamar RENATA. Já em 2000 em Curitiba cria-se o ANTRA, Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros, tendo mais de 80 organizações afiliadas sendo assim considerada a maior rede de travestis e transexuais da América Latina.

3. METODOLOGIA

Inicialmente fomos atrás de instituições que ajudam as travestis e transexuais. Conversamos com uma psicóloga, aonde vimos que seria difícil contato com as trans. Depois entramos em contato com uma psicanalista que já trabalha há alguns anos com as mulheres trans, no dia 26 de outubro de 2015, que se considera transgênera, que nos propiciou informações sobre o tema. Explicou que a palavra travesti surgiu com Madame Satã na Lapa, localizada no Rio de Janeiro. Indicou

alguns autores referência sobre o assunto de travestis e transexuais, e também explicou a diferença de algumas identidades de gênero.

Nos dias 12 a 16 de novembro de 2015, participação no XI Encontro Regional Sul de Travestis e Transexuais e I Jornada de Redução das Vulnerabilidades às Hepatites Virais, Sífilis, Tuberculose e Dsts da população travestis e transexuais, onde teve a participação de uma representante do Secretário Municipal da Saúde, Sérgio Tipton, do Juiz Federal, André Cairo e do Igo Martini, representando o Prefeito Gustavo Fruet. Nesse encontro todas as mulheres travestis ou transexuais foram receptivas, tendo paciência em explicar nomenclaturas comuns em seu universo. Algumas contaram um pouco sobre sua trajetória de vida, o que possibilitou aproximação com a realidade a ser pesquisada.

As mulheres trans que participaram desse encontro foram atenciosas e consequentemente conseguimos alguns contatos que poderiam ajudar mais sobre o conhecimento do tema, mas acabamos não tendo retorno de nenhuma das partes. Pegamos nomes de instituições de outras cidades, mandamos e-mails e não tivemos retorno também.

A pesquisa foi qualitativa, que proporcionou uma melhor visão e compreensão do contexto estudado aqui. E também foi exploratória, com o objetivo de explorar, desvendar mais o tema escolhido para poder fornecer informações para melhor compreensão do público em geral, pois praticamente não existem pesquisas sobre a temática.

As técnicas de coleta dos dados foram:

1) Entrevistas: Semi-estruturadas. Onde o objetivo foi realizar pelo menos seis entrevistas com profissionais que têm as características médias verificadas nos sites analisados.

2) Análise de documentos, tais como: sites, reportagens impressas, audiovisuais e literatura especializada sobre o tema.

3) Observação: verificar *in loco* (se possível), as atividades das profissionais,

4) Análise triangular.

Depois da análise dos dados a escolha dessas mulheres para entrevista será feita por análise estatística simples nas tabelas (média).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente foram selecionados três sites de mulheres trans profissionais do sexo e colocados então lado a lado afim de comparação.

O primeiro site pesquisado foi o Curitiba Class, que alerta que não é uma agência e sim apenas um vínculo de divulgação e propaganda. Esse site possui fotos das mulheres trans em destaque e ao final da página possui as fotos de todas as acompanhantes. No Curitiba Class nas páginas individuais tem-se os seguintes dados: nome, idade, altura, peso, cor dos olhos, telefone, liberdade sexual, horário de atendimento, dote (tamanho do pênis), local de atendimento, disponibilidade para festas/ jantares/ eventos, cachê, se responde WhatsApp/sms/ou atende telefone privado, vídeos caseiros e de ensaios fotográficos. Foi o único site que tinha uma afrodescendente.

No segundo site, Elite Acompanhantes, também é informado que não possuem nenhum vínculo com suas anunciantes, às mesmas são responsáveis pelas informações e fotos contidas nos seus respectivos anúncios. É o único site que possui um alerta de conteúdo proibido para menores de 18 anos. Nas páginas de cada acompanhante têm-se os seguintes dados: nome, telefone, localização, idade, peso, altura, qual sexo, dote (tamanho do pênis), disponibilidade para viajar, liberdade sexual, Skype (somente para assinantes do site), descrição da acompanhante, galeria de fotos, vídeos sobre os ensaios fotográficos.

Já no último site visitado foi o Travesti Mix, não possuía um padrão para a divulgação das mulheres trans. Nas páginas individuais todas possuíam o nome, algumas tinham telefone, altura, local que atendem, horário dos atendimentos, se atendiam homem e/ou mulher, cachê e informações sobre as acompanhantes, e outras não tinham todos esses dados.

SITES	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS							
	Nº	Idade	Peso	Cor dos olhos	Altura	Localização	Dote	Qual sexo atende
CURITIBA CLASS http://www.curitibacl.ass.com/home.html	1	25	70Kg	Castanhos	1,80	Central		
	2	22	56Kg	Castanhos	1,77	Central	22	Homens e Casais
	3	27	72Kg	Castanhos	1,79	Centro	20	Homens
	4	23	53Kg	Mel	1,60	Centro	20	
	5	19	67Kg	Castanhos	1,70	Centro	17	
	6	21	63Kg	Castanhos	1,75	Centro	20	
	7	18	59Kg	Castanhos	1,65	Batel	17	
	8	20	60Kg	Verdes	1,72	Centro		
	9	22	70Kg	Verdes	1,70	Centro	18	
	10	22	69Kg	Castanhos	1,69	Alto Glória	19	
	11	24	75Kg	Verdes	1,78	Centro	21	
	12	26	77Kg	Castanhos	1,78	Centro	17	Homens e Casais
	13	18	58Kg	Castanhos	1,65	Centro	19	Homens e Casais
	14	22	60Kg	Castanhos	1,70	Centro	17	
	15	23	63Kg	Castanhos	1,75	Centro	20	
	16	19	54Kg	Castanhos	1,68	Centro		
	17	20	70Kg	Castanhos	1,75	Centro	18	
	18	21	75Kg	Verdes	1,75	Centro	19	
	19	20	58Kg	Castanhos	1,68	Central	17	
	20	21	68Kg	Castanhos	1,68	Centro	18	
	21	25	69Kg	Castanhos	1,83	Centro	20	
	22	19	67Kg	Castanhos	1,76	Centro	20	
	23	24	80Kg	Castanhos	1,80	Alto Glória	21	Homes, mulheres e casais
	24	22	63Kg	Claro	1,80	Centro	22	
	25	21	70Kg	Castanhos	1,75	Batel	19	
	26	25	68Kg	Castanhos	1,70	Centro	21	
	27	22	67Kg	Castanhos	1,78	Alto Glória	20	
	28	22	68Kg	Castanhos	1,78	Alto Glória	19	

Tabela 1 – Dados retirados do site Curitiba Class

Fonte: Autoria Própria

SITES	CARACTERISTICAS FISICAS				
	Nº	Qual sexo atende	Liberdade Sexual	Horario de atendimento	Cachê
CURITIBA CLASS http://www.curitibacl.ass.com/home.html	1		Passiva/ Ativa	24h - 60 min de antecedencia	
	2	Homens e Casais	Ativa	Das 10:00 a 00:00 Horas	Minimo \$150
	3	Homens	Passiva/ Ativa	Das 09:00 às 00:00 - 20 min antecedencia	
	4		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	5		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	6		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	7		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	A combinar
	8		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	A combinar
	9		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	10		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	11		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	12	Homens e Casais	Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	13	Homens e Casais	Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	14		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	15		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	16			24h - 20 min antecedencia	
	17		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	No privê: R\$200 dinheiro / R\$250 cartão No motel: \$400 (dinheiro) + taxi / \$450 (cartão) + taxi
	18		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	19		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	20			Das 9:00 as 0:00 Horas - 30 min antecedencia	A partir \$200
	21			24h - 20 min antecedencia	
	22		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	23	Homes, mulheres e casais	Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	24			24h - 20 min antecedencia	
	25		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	26		Passiva/ Ativa	24h - 20 min antecedencia	
	27			24h - 20 min antecedencia	Privê: \$300 -1 hora Motel: \$600 até 2h
	28			24h - 20 min antecedencia	

Tabela 2 – Dados retirados do site Curitiba Class

Fonte: Autoria Própria

SITES	CARACTERISTICAS FISICAS							
	Nº	Idade	Peso	Cor dos olhos	Altura	Localização	Dote	Qual sexo atende
ELITE http://eliteacompanhantes.com.br	20	21	60Kg	Castanhos	1,70		17	Homens
	30	21	71Kg		1,70		18	Homens e Casais
	31	24	52Kg		1,60		19	Homens e Casais
	32	20	60Kg		1,65		19	Homens
	33	21	67Kg		1,75		21	Homens e Casais
	34	21	68Kg		1,70		20	Homens e Casais
	35	23	74Kg		1,76		19	Homens e Casais
	36	23	78Kg		1,77		21	Homens e Casais
	37	24	67Kg		1,68		20	Homens
	38	25	79Kg		1,78		19	Homens
	39	22	60Kg		1,66		19	Homens
	40	21	63Kg		1,75		19	Homens e Casais
41	22	68Kg		1,80		19	Homens e Casais	

Tabela 3 - Dados retirados do site Elite

Fonte: Autoria Própria

SITES	CARACTERISTICAS FISICAS					
	Nº	Qual sexo atende	Disponibilidade para viajar/festas/ jantares	Liberdade Sexual	Horario de atendimento	Cachê
ELITE http://eliteacompanhantes.com.br	20	Homens	Sim			
	30	Homens e Casais	Sim			
	31	Homens e Casais	Sim			
	32	Homens	Sim			
	33	Homens e Casais	Sim	Passiva/ Ativa		
	34	Homens e Casais	Sim	Passiva/ Ativa		
	35	Homens e Casais	Sim	Passiva/ Ativa		
	36	Homens e Casais	Sim	Passiva/ Ativa		
	37	Homens	Não	Passiva/ Ativa		
	38	Homens	Sim	Passiva/ Ativa		
	39	Homens	Sim			
	40	Homens e Casais	Sim			
	41	Homens e Casais	Sim	Passiva/ Ativa		

Tabela 4 - Dados retirados do site Elite

Fonte: Autoria Própria

SITES	CARACTERISTICAS FISICAS							
	Nº	Idade	Peso	Cor dos olhos	Altura	Localização	Dote	Qual sexo atende
TRAVESTIS MIX http://travestismix.com.br/home.php?cidade=19	42	19					17	
	43		60Kg		1,75		19	
	44				1,68			Homens e Casais
	45	24	69Kg		1,68		22	
	46		60Kg		1,70		25	
	47						18	
	48		70Kg		1,70		18	
	49		79Kg				22	
	50				1,60			
	51							Homens e Casais
	52							
	53		70Kg		1,78		19	
	54		54Kg		1,60			
	55		72Kg		1,77		21	Homens e Casais
	56				1,78		21	

Tabela 5 - Dados retirados do site Travesti Mix

Fonte: Autoria Própria

SITES	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS					
	Nº	Qual sexo atende	Disponibilidade para viajar/festas/ jantares	Liberdade Sexual	Horario de atendimento	Cachê
TRAVESTIS MIX http://travestismix.com.br/home.php?cidade=19	42					
	43			Passiva/Ativa		
	44	Homens e Casais		Passiva/Ativa		
	45			Passiva/Ativa		\$200
	46			Passiva/Ativa		
	47			Passiva/Ativa		A combinar
	48			Passiva/Ativa		A combinar
	49			Passiva/Ativa		
	50			Passiva/Ativa		
	51	Homens e Casais		Passiva/Ativa	24h	A combinar
	52					
	53			Passiva/Ativa		A combinar
	54				10:00 às 02:00h	A combinar
	55	Homens e Casais		Passiva/Ativa		A combinar
	56					

Tabela 6 - Dados retirados do site Travesti Mix

Fonte: Autoria Própria

Nossa sociedade está acostumada a dividir o sexo em duas categorias bem distintas. Desde o nascimento homens e mulheres sabem que precisam desempenhar papéis quase opostos. (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 0'14" a 1'01"). Não há pesadelo maior do que se sentir um estranho aprisionado no corpo errado (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 1'06 a 1'12"). Numa tentativa de adequar o corpo a uma mente masculina ou feminina alguns transexuais se submetem a cirurgias que é considerada por uma parcela da sociedade, como mutilações. (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 11'19" a 11'31")

Estudos comprovam que um a cada 30 mil homens, e uma mulher em cada 100 mil, não se sentem confortáveis com o corpo que vieram ao mundo. E sofrem com o transtorno da identidade de gênero. O mais difícil para elas é encontrar a sintonia com o físico e a aceitação da sociedade. Para muitos a solução dessa incompatibilidade entre mente e corpo pode ser encontrada nas salas de cirurgias. A cada 15 dias um pessoa troca de sexo no Brasil. E nos últimos três anos foram 300 cirurgias de readequação sexual. A busca por um novo corpo e uma nova identidade vai muito mais além que a vaidade. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011. 0'03" a 0'53")

“Posso afirmar que a transexualidade é reconhecido como uma abjeção, como um pecado, como algo nojento, como algo que tenha que ser eliminado, como algo que tem que ser exterminado, como uma pessoa que precisa ser assassinada. É isso que temos no Brasil”. Berenice Bento. Doutora em Sociologia (UFRN) (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 28'09" a 28'24")

A maioria dos transexuais definem sua condição como ter nascido no corpo errado. Como se a natureza tivesse lhe pregado uma peça de mau gosto. Segundo estimativas mundiais, 1 homem em cada 30mil, e 1 mulher em cada 100mil são transexuais. (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 11'49" a 12'10")

“Apesar de serem os pacientes mais felizes que eu já vi depois que são tratados, eles também são os pacientes com o maior sofrimento psicológico que eu já vi. São os pacientes com maior sofrimento social que eu já vi.”, diz Dr. Marcio Littleton, cirurgião plástico. Maitê fala que precisou da cirurgia para se sentir plena,

completa. A cirurgia de readequação sexual é permitida no Brasil após os 21 anos de idade. O paciente precisa apresentar um laudo que ateste que ele é transexual. E esse laudo só é dado após dois anos de avaliação feita por uma equipe profissional multidisciplinar. O Ministério da Saúde estuda a possibilidade de reduzir a idade mínima para 18 anos, porém até o final do documentário a medida não tinha sido aprovada. (Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - National Geographic, 2013. 18'17" a 19'15").

“Para entender identidade de gênero é preciso falar se sexo biológico. A natureza nos dá um sexo. Nem sempre o sexo que a natureza nos dá corresponde a identidade de gênero semelhante. A identidade de gênero não é biológica, ela não é determinada biologicamente. A identidade de gênero é uma relação íntima entre a natureza e a cultura. No mundo que estamos inserimos. A educação que nós recebemos. Essas relações tecem a identidade de gênero.”, diz Jean Wyllys. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011. 4'09" a 5'41").

Para alguns o fato de se adequar a outro sexo pode parecer com uma aberração. Mas segundo a Organização Mundial de Saúde a transexualidade é um tipo de transtorno de identidade. O desejo de viver e ser aceito como membro do sexo oposto. Usualmente acompanhado com uma sensação de desconforto ou impropriedade de seu próprio sexo anatômico. Ou seja, mais que mudar de corpo significa mudar de vida. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011. 13'07" a 13'28").

O CRT em 2009 tinha uma demanda de 400 pessoas na fila para a mudança de sexo e hoje em dia a demanda chega a ter mais 3200 pessoas. Em média a espera pela cirurgia pelo SUS são 10 anos. Por ano são realizadas em São Paulo somente 12 cirurgias. A maioria acaba fazendo a transição de maneira clandestina. Um exemplo foi do Luciano Palhano que fez sua hormonioterapia, cirurgia e tratamento clandestinamente. (Profissão Repórter – Transexualidade. 2014. 4'34" a 5'27").

Assim, no senso comum existem somente dois gêneros sem variações, o masculino e o feminino. O transexualismo não é uma questão de opção. Não é uma escolha. Assim como a homossexualidade também não é.

A palavra transgênero engloba todas as transexuais e travestis. No XI Encontro Regional Sul foi relatado que cada indivíduo tem a liberdade de escolher como acha melhor ser chamada. De travesti, ou transexual. Isso porque nem todas as trans fazem a cirurgia de transgenitalização.

Toda sociedade estabelece para si regras e normas. Normas, porém, que os homens construíram para si e são reproduzidas de geração para geração. Então parecem tão naturais e agem assim como regras de como a sociedade deve ser e se comportar. Portanto, aqueles que não as seguem são vistas como marginais, como doentes, como aberrações que precisam ser combatidas. Com isso, qualquer “violação” dá início as agressões contra aqueles que não se enquadram do padrão da sociedade.

Em vista que no Brasil o procedimento para mudança de sexo demora muito devido ao fato de requerer muitos exames físicos e psicológicos, a necessidade de um laudo médico atestando a transgenia e mais a demora para se conseguir uma data para a cirurgia, está última feita pelo SUS, muitas transgênero optam por fazer procedimentos cirúrgicos em clínicas clandestinas.

Jay é uma criança americana que nasceu menina, mas aos dois anos já começou a se identificar como sendo do sexo oposto: “eu sou um menino”. Cris, pai de Jay, relata que a aceitação dos irmãos (também crianças) foi mais fácil que para eles, os pais. Quando Jay ainda não sabia formular frases já falava “*I’m boy*” (eu menino) e a mãe resistia, pois queria profundamente que ele fosse uma menina. (Profissão Repórter – Transexualidade. 2014. 16’46” a 17’54”).

As famílias tem que estar conscientes que a identidade de gênero pode de manifestar em desacordo com o sexo que a natureza deu e assim tem que estar preparada para isso. Para que a família não maltrate e/ou veja como aberração o garoto(a), e este acabe não aceitando a identidade de gênero que tem para si(..) o garoto que é obrigado a se adequar pode ter traumas psicológicos (esquizofrenia, depressão) e/ou físicos (auto mutilação) por não ser aceito como ele se vê. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011. 21’51” a 23’22”)

Existem famílias que aceitam que seus filhos sejam transgênero. “Acho que em primeiro lugar a família que aceita tem amor de verdade pelo filho. Primeiro que ela não acha justo que se use violência física, violência simbólica. Não acham justo usar desses métodos para adequar uma criança indefesa a uma identidade de gênero com qual ela não se identifica. Tem a ver com esclarecimento, informação. A pessoa entende esse processo de formação da identidade e que a criança presida de liberdade. Na Noruega, tem um casal que decidiu criar o filho sem a marca de gênero. Eles vestem a criança de modo que não se identifica qual é o gênero dela. Não usa brinco, não esta vestidinha de calças que identifique que é uma menina ou

menino. Para todo mundo de fora, ninguém sabe qual o gênero, qual é o sexo dessa criança. Porque eles querem dar a criança a chance de adotar aquele gênero que melhor se identifica, que melhor se adequa para ele e que deixe ele mais feliz. Eles não querem impor uma identidade de gênero a essa criança.”, diz Jean Wyllys. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011.27’27” a 28’40”).

Na Resolução SAP nº 11, de 30 de janeiro de 2014, que estabelece normas de tratamento para travestis e transexuais no âmbito do sistema carcerário. Trata-se de um instrumento jurídico para garantir os direitos das pessoas trans na sua permanência na prisão. A Resolução garante a autonomia das travestis e transexuais de decidir se ficarão na prisão feminina ou masculina. Levando em conta que nas penitenciárias masculinas as cabeças são raspadas, e isso diminuindo e negando o gênero feminino das trans. Os agentes penitenciários passam a ser obrigados a informar às travestis e transexuais o direito a serem tratadas pela sua identidade social e a tratá-las pelo nome escolhido.

PORTARIA No- 233, DE 18 DE MAIO DE 2010: Art. 1º Fica assegurado aos servidores públicos, no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional, o uso do nome social adotado por travestis e transexuais. Parágrafo único. Entende-se por nome social aquele pelo qual essas pessoas se identificam e são identificadas pela sociedade.

No dia 19 de outubro 2015, a 9ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), determinou que a Lei Maria da Penha se aplica para pessoas trans. A expressão ‘mulher’, contida na lei em apreço, refere-se tanto ao sexo feminino quanto ao gênero feminino.

Em São Paulo, desde 2015, oferece hormônio terapia grátis para transexuais e também acompanhamento psicológico e endocrinológico. Esse atendimento foi priorizado primeiramente para as beneficiárias do Projeto Transcidadania. “Esse projeto tem como proposta fortalecer as atividades de colocação profissional, reintegração social e resgate da cidadania para a população LGBT em situação de vulnerabilidade, atendidas pelas CADS- Coordenadoria da Diversidade Sexual.” (site Projeto reinserção Social Transcidadania)

No Brasil a burocracia para mudar nome e gênero é tão grande e demorada que as pessoas trans necessitam recorrer a Justiça. E por esse motivo muitas sofrem constrangimentos por exporem sua condição e reivindicar um tratamento pelo nome escolhido a cada consulta ou entrevistas para vagas de emprego. Essa

mudança de nome chega a ser mais importante para elas que a cirurgia de transexualização, pois dá uma liberdade de afirmar quem elas são e quem elas deixam de ser.

Segundo a Lei João Nery:

“(..) Artigo 4º - Toda pessoa que solicitar a retificação registral de sexo e a mudança do prenome e da imagem, em virtude da presente lei, deverá observar os seguintes requisitos:

I - ser maior de dezoito (18) anos;

II - apresentar ao cartório que corresponda uma solicitação escrita, na qual deverá manifestar que, de acordo com a presente lei, requer a retificação registral da certidão de nascimento e a emissão de uma nova carteira de identidade, conservando o número original;

III - expressar o/s novo/s prenome/s escolhido/s para que sejam inscritos.

Parágrafo único: Em nenhum caso serão requisitos para alteração do prenome:

I - intervenção cirúrgica de transexualização total ou parcial;

II - terapias hormonais;

III - qualquer outro tipo de tratamento ou diagnóstico psicológico ou médico;

IV - autorização judicial.(...)”

Os transexuais são alvos de violência frequente. 78% dos assassinatos sofridas por elas acontecem na América Latina. Recentemente ocorreu o terceiro assassinato em um mês na Argentina (GOMI, 2015).

No Brasil, a situação é ainda pior. É considerado o país que mais ocorrem assassinatos de transexuais no mundo. Entre 2008 e 2014 foram registrados 604 mortes, segundo pesquisa realizada pela organização não governamental Transgender Europe (TGEU). TGEU é um membro ativo da comunidade trans global e trabalha em solidariedade com as pessoas trans e variantes de gênero em todo o mundo. É uma rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população trans. Rafaela Damasceno, transexual que luta pelos direitos dessa população conta que infelizmente são pouquíssimas travestis e transexuais conseguem passar dos 35 anos.

Brasil lidera ranking de assassinatos de pessoas trans de acordo com uma pesquisa realizada pela organização não governamental Transgender Europe. Foi lançado em 2012 pela primeira vez no Brasil dados oficiais sobre as violações de Direitos Humanos da população LGBT reportadas ao Poder Público Federal por meio do “Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, o ano de 2011”.

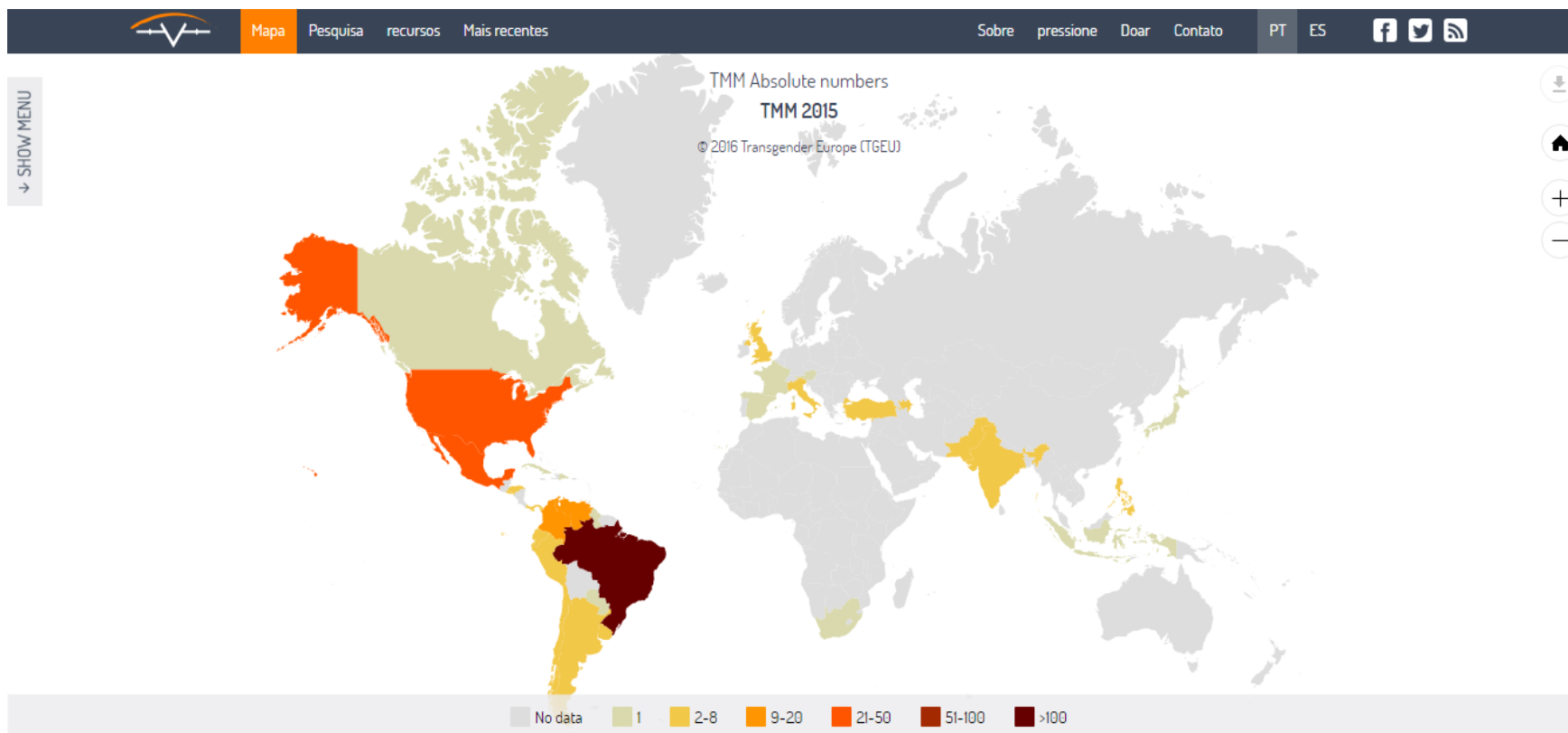


Gráfico 1 – Monitoramento de assassinatos trans 2015 – Números absolutos.

Fonte: Transgender Europe (2015).

Disponível em: <http://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tmm_2015>.

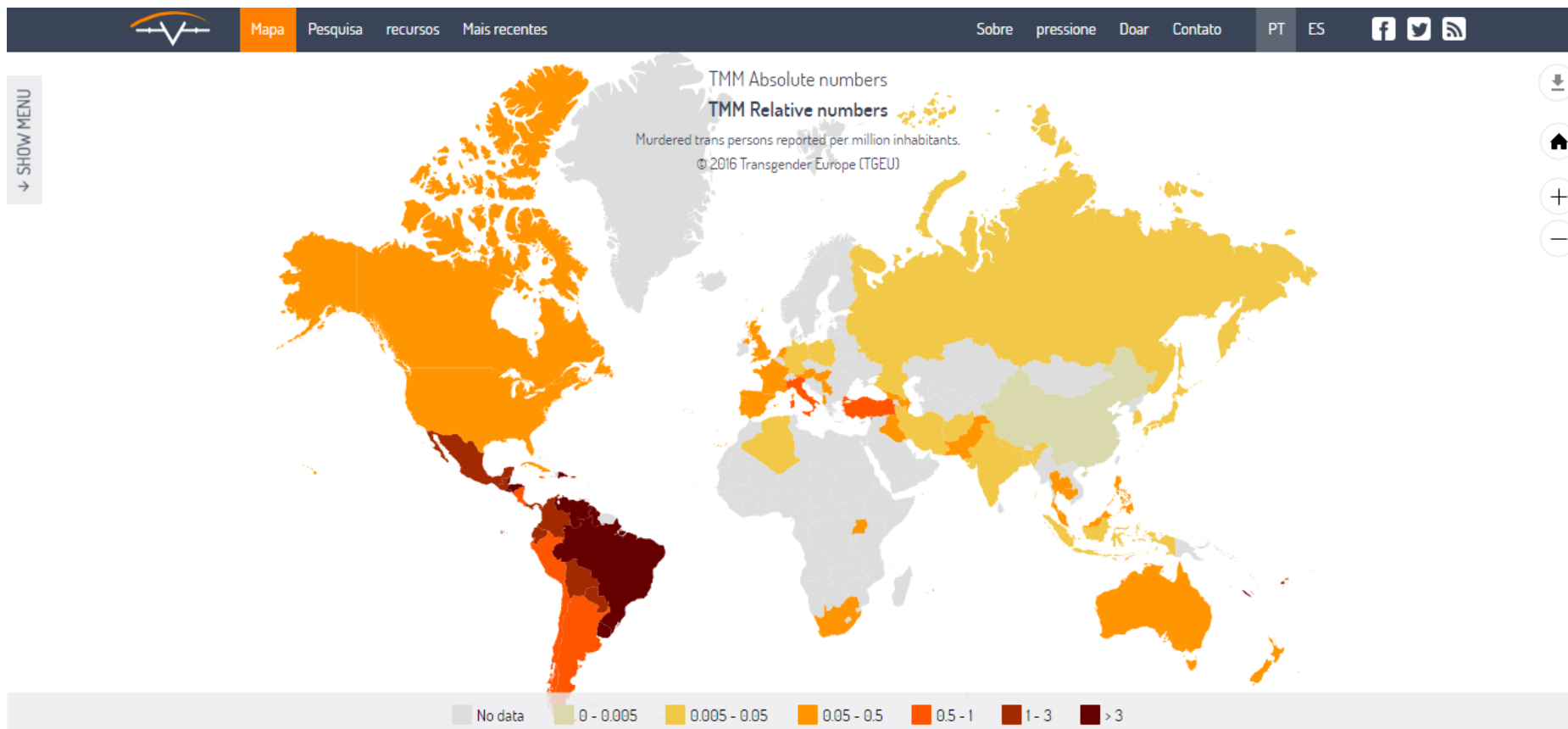


Gráfico 2 - Número de pessoas trans assassinadas por milhão de pessoas. TMM Números relativos, 2015.

Fonte: Transgender Europe (2016).

Disponível em: <http://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tmm_relative_numbers>.

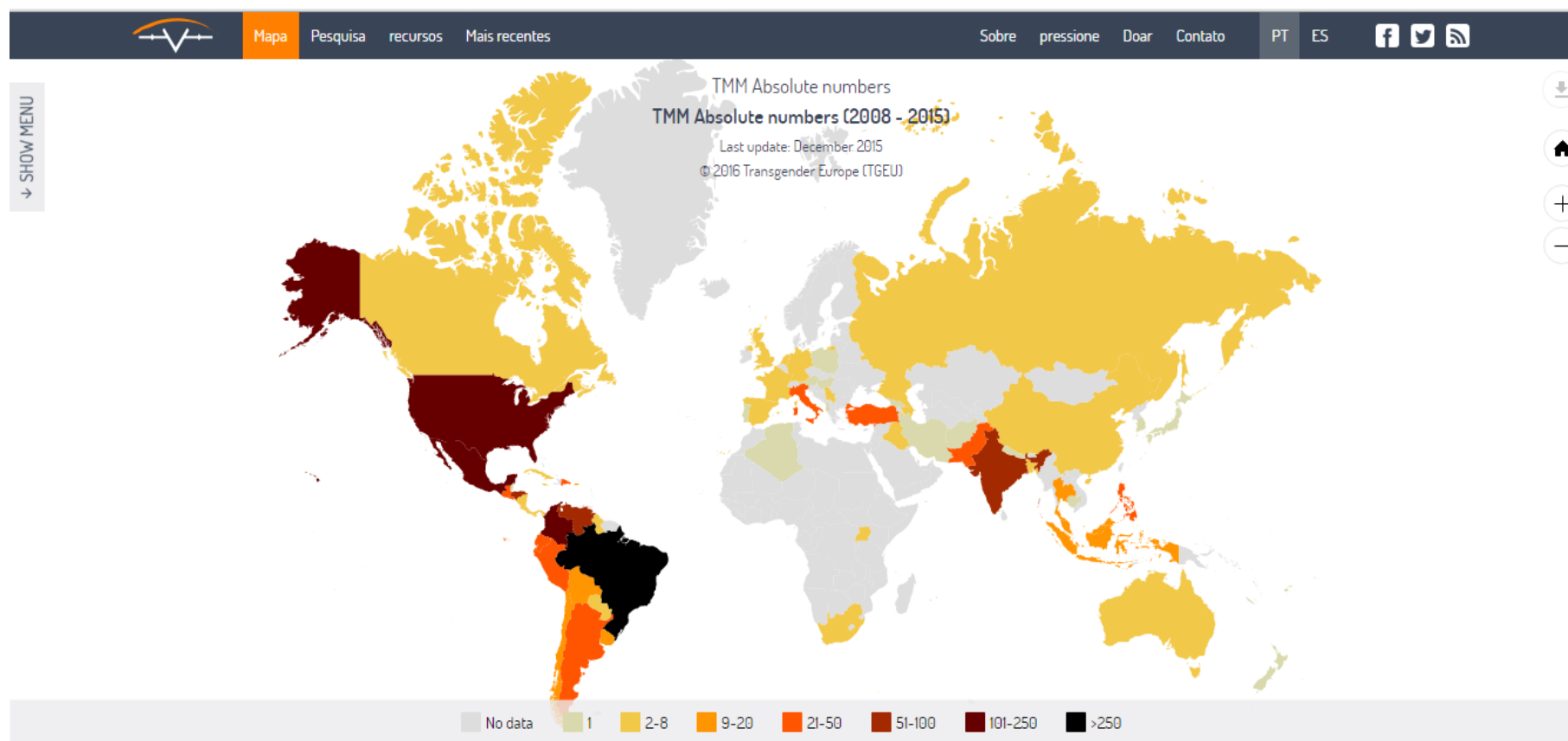


Gráfico 3 - Monitoramento de assassinatos trans 2008-2015. TMM Números absolutos.

Fonte: Transgender Europe (2015).

Disponível em: <<http://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>>

O Brasil é o país com maior número de mortes de pessoas trans no mundo (segundo um relatório da ONG internacional Transgender Europe). E esse ódio e preconceito junto com a discriminação acabam gerando evasão escolar e falta de oportunidades para pessoas trans. Essa é a rotina das pessoas transgêneros e travestis no Brasil. Entre 2008 e 2014, foram 691 mortes. As oportunidades para pessoas trans é drasticamente menor do que para pessoas cis, assim sendo muitas trans ficam em situação de rua ou de vulnerabilidade e acaba especialmente na prostituição. (Mulheres trans relatam dificuldades de inserção no mercado de trabalho. 2015)

No Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, que foi publicado em 2012 e que é realizada pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, mostra que no ano de publicação teve 3.084 denúncias de violações contra a população LGBT. Comparando com o ano de 2011 teve-se um aumento de 166% no número de denúncias.

No relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, publicado em 2012, pela hoje Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, mostra números sobre a violência que essa população sofre. No gráfico 4, se observa que 29,54% das pessoas que comentem alguma violência contra trans e homossexuais são desconhecidos. E em segundo lugar são os vizinhos, com 20,69%. Na casa das vitimas é o local que mais se cometem as violências, seguido da rua. A discriminação por orientação sexual e identidade de gênero são os que motivam as pessoas a cometerem esses atos ilícitos.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulgou um Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil relativo a 2014. Onde foram documentadas 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo 9 suicídios. Ou seja, um assassinato a cada 27 horas. Um aumento de 4,1 % em relação ao ano anterior (313) (gráfico 7).

Gráficos estatísticos do relatório sobre violência homofóbica no Brasil:
ano de 2012

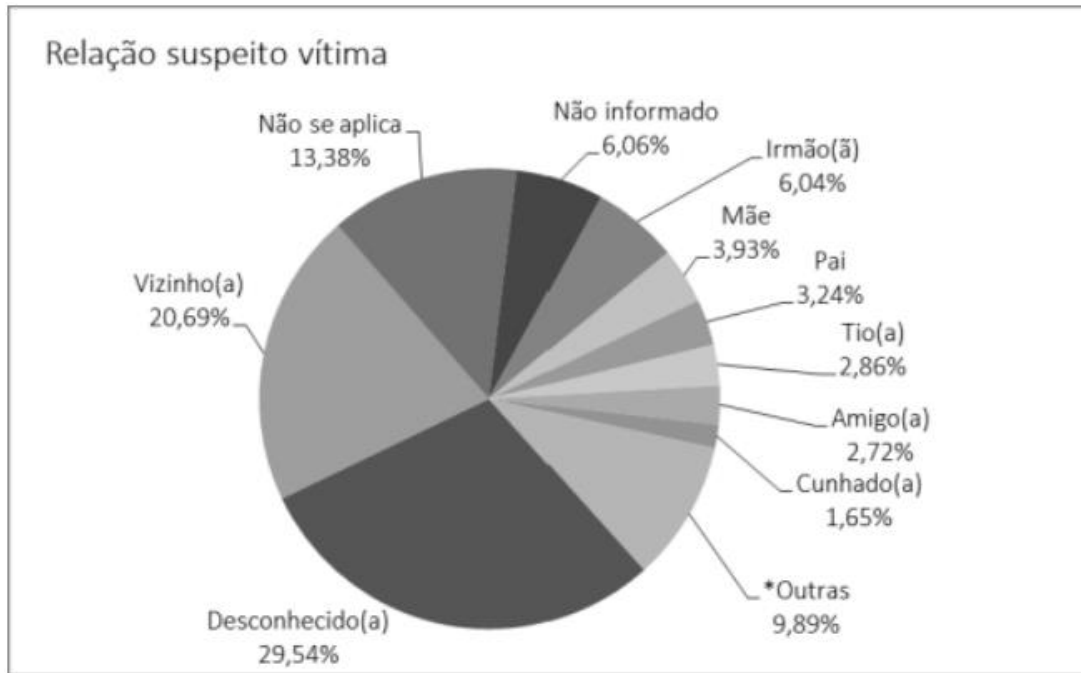


Gráfico 4 - Relação suspeito vítima.
Fonte: Secretaria dos Direitos Humanos (2012).

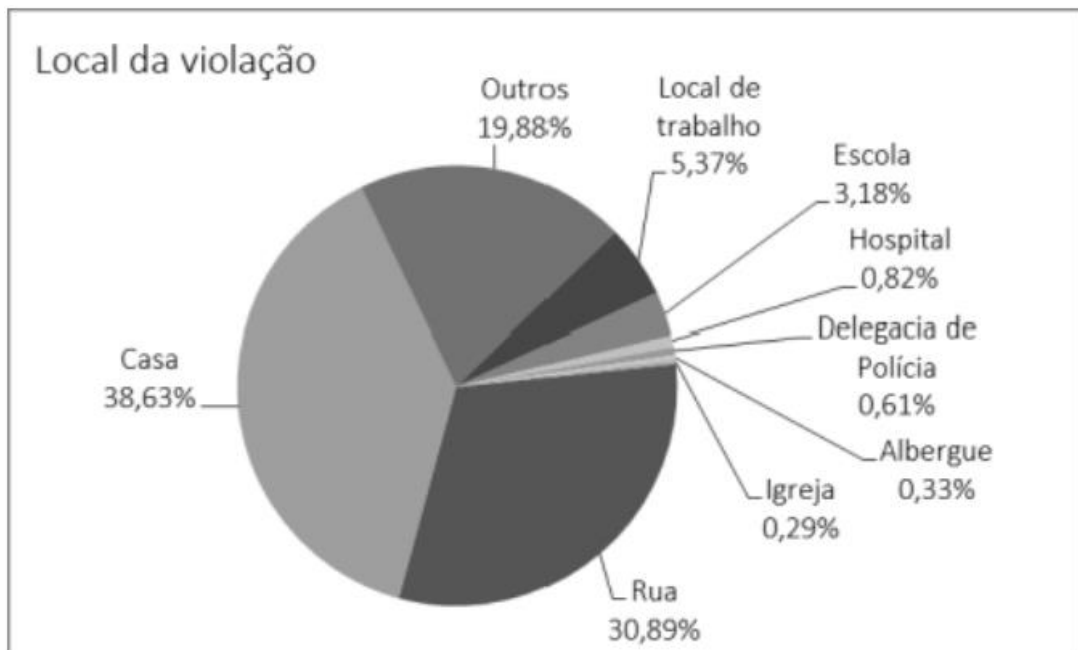


Gráfico 5 - Local da violação.
Fonte: Secretaria dos Direitos Humanos (2012).

Gráficos estatísticos de Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil:
Relatório 2014.

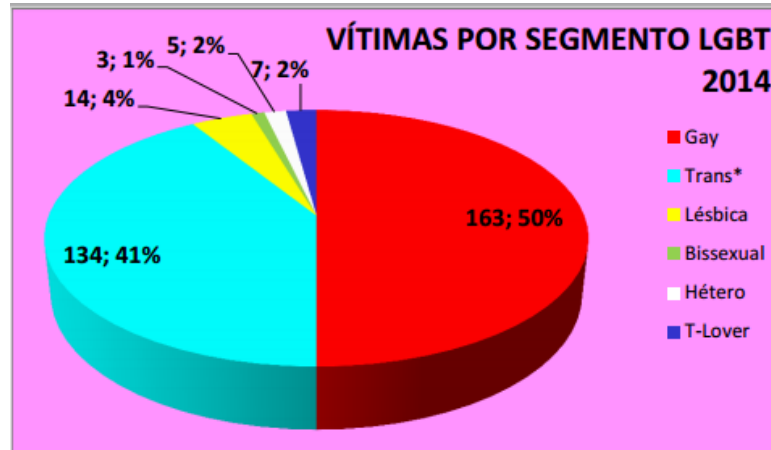


Gráfico 6 - Vítimas por segmento LGBT 2014.
Fonte: Grupo Gay da Bahia (2014).

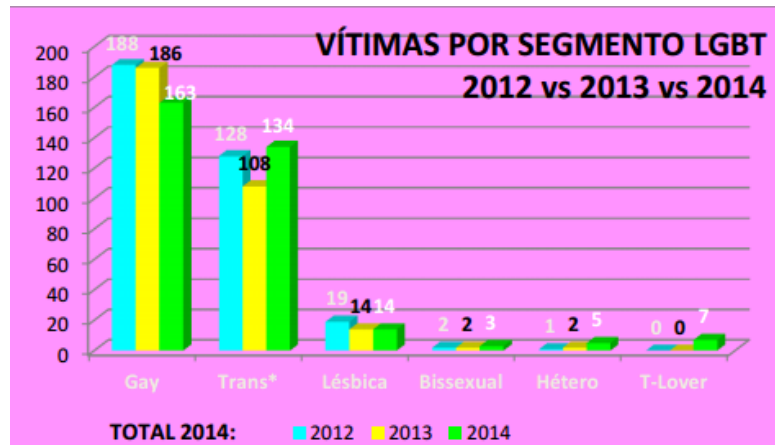


Gráfico 7 - Vítimas por segmento LGBT 2012 vs. 2013 vs. 2014.
Fonte: Grupo Gay da Bahia (2014).



Gráfico 8 – Vítimas por estado e por segmento LGBT 2014.

Fonte: Grupo Gay da Bahia (2014).

O Trans Murder Monitoring Project (TMM) – Projeto de Monitoramento de Assassinatos de Trans - monitora, coleta e analisa relatos de homicídios de trans e de diversos gêneros do mundo todo. Esse projeto começou no começo de 2009 juntamente com a TGEU e a revista on-line acadêmica Liminalis. Os dados usados nesse monitoramento não são abrangentes, pois os dados recolhidos mostram apenas os casos que foram relatados⁶.

A classificação do assassinato de uma pessoa trans é muito difícil. Um crime de ódio por muitas vezes não é relatada, dificultando essa classificação, bem como a falta de sistemas e de controle nacional.

1600 antes de Cristo a necessidade insatisfeita de um homem deu origem a profissão mais antiga da história. Mais de 3500 anos depois o apetite não apenas permanece como deu origem em uma fábrica de ganhar dinheiro. Para isso acontecer foi necessário primeiro acontecer a Revolução Industrial e depois a sexual. Prostituição, filmes e até calcinhas comestíveis fazem parte do mercado do prazer. Que movimenta mais de um bilhão de reais no Brasil por ano. (A Liga – Indústria do Sexo. 2011. 0'02" a 0'31")

⁶ Disponível: <http://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>

O bairro Jardim Itatinga, em Campinas (SP), é considerado o maior bordel ao céu aberto da América Latina. (A Liga – Indústria do Sexo. 2011. 0’57” a 1’07”)

A indústria do filme pornô movimentou 300 milhões de reais no ano de 2007. (Profissão Repórter - O Universo da indústria do sexo. 2008. 1’18” a 1’29”)

Há dificuldades das trans inserirem-se no mercado de trabalho de uma forma geral. A maioria que quer mudar de profissão associada ao sexo enfrenta dificuldades para se inserir em outras atividades profissionais. É o caso da trans Melissa Freitas que passou a trabalhar em uma loja de tecidos após um tempo trabalhando como profissional do sexo (A vida de garotas transexuais – Profissão Repórter. 2013. 48’a 1’03”)

Em entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2015, no Congresso que participei, a entrevistada 1 relata que entrou para o mundo da prostituição aos 14 anos de idade, mas aos 12 anos ela foi estuprada. “Da rua fui para a boate. Parei com essa vida há dois anos, pois comecei a namorar, mas possuo clientes fixos que até hoje me ligam”, diz ela. Ela fala que o preconceito está ao lado toda hora, é chacota, xingamento, e que o pior preconceito vem de dentro de casa onde sofre até hoje. “Tive que me alistar para o quartel, mas não entrei. Minha família me obrigou a cortar o cabelo. Dai eu cortei meu cabelo, arrepiava ele atrás e deixava um franjão. Foi assim que eu fui no quartel, com lápis no olho, óculos escuro, baby look e uma calça colada. O que que é isso? Uma emo? Porque eu me sentia uma emo. Me sentia ridícula daquela forma. Não podendo ser eu, tendo que me esconder atrás de uma máscara, com um sorriso e escorrendo minhas lágrimas para ninguém ver. Isso tudo por amor a família, por tradicionalismo, ignorância até mesmo da minha parte.”, foi o desabado da trans.

Uma hora de almoço, 15 minutos de lanche, a carteira assinada, os benefícios, tudo direitinho. Mesmo ganhando um salário mínimo Melissa relata que prefere a carteira assinada, pois é um dinheiro certo, ao invés dos 2/ 3 mil reais que tirava quando era profissional do sexo. (A vida de garotas transexuais – Profissão Repórter, 2013, 1’26” a 1’40”)

A dificuldade de conseguir uma vaga de emprego é relatada por Luis Fernando. Ele diz que a demora na troca de identidade de gênero provoca grandes constrangimentos nas entrevistas de emprego. Por consequência muitas trans acabam trabalhando em ‘subempregos’ ou telemarketing. (Travestis e Transexuais permanecem excluídas do mundo do trabalho, 2015)

Uma pesquisa feita pela Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro (Triângulo Trans), mostra que apenas 5% das pessoas trans de Uberlândia estão no mercado formal de trabalho, e que 95% estão na prostituição. Isso ocorre pela falta de apoio da família que por muitas vezes as expulsão cedo de casa, e conseqüentemente sofrem a evasão escolar por conta da transfobia. Esses números são bem próximos apresentados pela ANTRA. (O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho. 2015)

Por mais que esteja em um ambiente tipo como mais moderno (mundo da moda), num universo que aparentemente aceita as diferenças, Carol sofreu preconceito. "Comentaram na fila para entrar no backstage do desfile: "Aqui travesti eu não aceito". Comentavam coisas maldosas. Escondiam sapatos e roupas." (Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - Documentário National Geographic. 2013. 6'57" a 7'30")

Maitê Schneider é atriz e dona de uma clinica de depilação. Há oito anos ela só depila homens. Tudo começou com a necessidade de tirar todos os pelos que apareciam em seu corpo. Especializou-se em retirar pelos masculinos, pois Maitê nasceu Alexandre. A primeira noção que ela era diferente das outras crianças veio em uma brincadeira que aconteceu na hora do recreio quando tinha 6 anos de idade. "Meu pai sempre que ia buscar a gente, ele sempre perguntava como tinha sido nosso dia. Eu muito feliz falei: "Nossa hoje me colocaram no centro de uma rodinha e começaram a bater palma. Foi muito legal pai, veja bem me chamando de mariquinha. Olha que legal o povo todo rindo e batendo palma. Ficou aquele silêncio. Dai foi pela primeira vez que meu pai me explicou o que era mariquinha e que falou para minha mãe: "Tem que cortar o cabelo do Alexandre. Vamos colocar o Alexandre no judô." Meu irmão já fazia judô então tudo que ele fazia eu tentava imita-lo. Coloquei ele como um exemplo a ser seguido para não virar mais alvo de chacotas." (Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado) - Documentário National Geographic. 2013. 8'14" a 9'54")

Renata saiu a quatro anos de Manaus para trabalhar em São Paulo. Mas o estigma de ser travesti fez como tantas outras trabalhasse como cabelereira e garota de programa. (A Liga – Identidade de Gênero. 2011 9'56" a 10'09")

O número de inscritos de travestis e transexuais quase triplicou no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2015. No ano passado foram 278 solicitações para o uso do nome social nos dias do exame segundo o INEP. As pessoas

responsáveis na aplicação das provas tiveram que tratar as travestis e transexuais pelo nome que se identificam e não pelo nome que consta no documento de identidade.

A visibilidade delas(es) no mundo universitário vem aumentando a cada ano. Deixando um pouco da visão que são associadas à prostituição, uso de drogas, criminalidade e suicídio. O número pela procura de uma vida melhor as leva a continuar os estudos.

Um marco para essa mudança foi observado em algumas universidades. Por exemplo, a PUC-SP incluiu o nome social nos registros dos alunos. Seguindo a portaria do Ministério da Educação de 2011, que garante esse direito. Outro fato ocorrido aqui no Brasil foi na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que realizou em 2015 uma campanha com objetivo de garantir que pessoas trans tenham o acesso ao banheiro correspondente ao gênero.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como finalidade abordar as condições de vida e trabalho das mulheres trans aqui no Brasil. Tentamos mostrar um pouco sobre as dificuldades por elas enfrentadas na inserção o mercado de trabalho e as descriminalizações que sofrem. O universo trans é marcado pelas travestis e transexuais. Esse grupo é considerado as pessoas biologicamente do sexo masculino que vivenciam o gênero feminino cotidianamente, utilizam hormônios e silicone a fim de alterar seu corpo de forma permanente, com o objetivo de tornar-se o mais semelhante possível, fisicamente, com o sexo oposto. Que podem ou não fazer a redesignação genital.

Um dos principais problemas enfrentados pelas trans em nossa sociedade é a falta de oportunidade. Em função do preconceito que sofrem nas escolas, muitas abandonam os estudos ainda na adolescência. Sendo nesse período que iniciam seus processos de transformação corporal clandestinamente. Com a baixa escolaridade e sem qualificação adequada, a oferta de trabalho é limitada. Tendo um campo de trabalho muito restrito, a prostituição é uma saída para se sustentarem.

É de extrema necessidade que no contexto sócio-econômica, política e cultural que a população de transexuais precisam ter uma condição de vida que as excluam da extrema pobreza, que deem educação e saúde qualificados. Que elas possam ter oportunidades de trabalho formal e serem respeitadas do jeito que são.

Muitos fatores nas histórias de vida das transexuais se repetem na maioria das vezes. No caso da fragilidade em relação à família. O bullying sofrido na escola, assim fazendo elas não concluírem os estudos. A “montagem” para se inserirem ao mundo da prostituição. No mundo das trans, elas se organizam como um grupo de colaboração, onde defendê-las dos ataques da sociedade é prioridade. Nesse espaço da prostituição, elas constroem relações, nem sempre amigáveis, mas que as unem como um grupo.

Perante de tudo que foi abordado nesse trabalho, é de extrema importância ressaltar que o Brasil é o país que mais acontece homicídios contra as mulheres trans. São números alarmantes que precisam ser vistos pela população inteira e tomada de decisão para que diminuam. Também fez refletir que há uma grande ausência de estudos acadêmicos relacionados à inclusão das trans em geral no

mercado de trabalho, o que mostra uma necessidade de se desenvolver mais trabalhos relativos a essa temática. Ajudou a entender mais sobre o preconceito e/ou descriminalização sofrida por elas nesse meio. Como elas se relacionam dentro de um relacionamento mais sério.

Esse universo é tão complexo demais para podermos tirar uma conclusão definitiva. No decorrer tivemos oportunidade de conversar com algumas trans, algumas que trabalham como profissionais do sexo, outras como professoras, e há divergências em algumas definições. Mas essa pesquisa me proporcionou estudar e conhecer um grupo totalmente diferente da minha realidade, e provavelmente de muitas pessoas. Em alguns momentos parecia que seria muito fácil conseguir falar com as mulheres trans para realizar a pesquisa. Outras tão difíceis.

Entretanto foi também observado pela autora desse trabalho e até mesmo por alguns autores pesquisados, a ausência ou escassez de estudos que contemplem e ilustrem a vida dessas mulheres. Os estudos na sua grande maioria focalizam as doenças que as trans podem vir a pegar. Por meio desse trabalho foi possível descobrir o lugar destinado pela sociedade para as transexuais e travestis. As violências que sofrem. As dificuldades que a sociedade as impõe. O preconceito que vivem todos os dias.

Diante do exposto, é possível afirmar que em nossa sociedade, em pleno século XXI, ainda há muito preconceito com pessoas que não se enquadram no padrão “normal” e da moral dominante. Serão relatadas as visões e vidas de algumas profissionais do sexo trans e suas condições trabalho e os preconceitos e violências que sofrem durante o dia-a-dia.

Por fim, ausência de estudos e informações sobre esse tema deve servir como motivador para qualquer pessoa, mostrando um grande tema a ser explorado.

6. REFERÊNCIAS

- A LIGA. **Indústria do sexo**. 2011. Disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=J93zWyjkk2s>>. Parte 1;
 <<https://www.youtube.com/watch?v=f2cLEtl6H1E>>. Parte 2;
 <<https://www.youtube.com/watch?v=ph9LUS5Umgs>>. Parte 3;
 <<https://www.youtube.com/watch?v=OMlwMXJ5WGk>>. Parte 4;
 <<https://www.youtube.com/watch?v=-vYhxx6RN3A>>.Parte 5;
 <<https://www.youtube.com/watch?v=kEHeQrcmU-o>>. Parte 6;
 <https://www.youtube.com/watch?v=q_KTP5N4pXM>.Parte 7. Acesso em: 16 nov. 2015.
- AAKER, David A et al. **Pesquisa de Marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ABEME. Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual. Disponível em: <<http://www.abeme.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2015, 14:38.
- AINOUZ, Karim. **Madame Satã**. LK-TEL Filmes, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jiuzETOkTFQ>>. Acesso em: 17 nov 2015.
- ARAÚJO, M. C. **Prostituição enquanto profissão para mulheres trans**. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/prostituicao-enquanto-profissao-para-mulheres-trans/>>. Acesso em: 11 set. 2015.
- BERUTTI, E. B. **Travestis: Retratos do Brasil**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, p. 843-852, 2008.
- BOLSA DE MULHER. **A indústria do sexo**. Disponível em: <<http://www.bolsademulher.com/sexo/a-industria-do-sexo>>. Acesso em: 14 out. 2015.
- BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 2, p. 409-432, mai.-ago. 2008.
- BRASIL. Código Penal. Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, art. 216. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#art-216>>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- BRASIL. Código Penal. Do lenocínio e do tráfico de pessoa para fim de prostituição ou outra forma de exploração sexual, cap. 5, art. 227 a 230. Disponível em: <<http://www.soleis.com.br/ebooks/criminal1-55.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- CARVALHO, Mariana. Mulheres trans relatam dificuldades de inserção no mercado de trabalho. **Portal G1 Espírito Santo**, 10 nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2015/11/mulheres-trans-relatam-dificuldades-de-insercao-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

CARVALHO, Mario F. L.; CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14, p. 319-351, ago. 2013.

CECCARELLI, P. R. **Prostituição – corpo como mercadoria**. In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157>. Acesso em: 17 nov. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

DECLERCQ, M. **O Dia da Mulher também pertence às transexuais e travestis**. Disponível em: <http://www.vice.com/pt_br/read/o-dia-da-mulher-tambem-pertence-as-transexuais-e-travestis>. Acesso em: 05 set. 2015,

FIRMINO, Camila. Configurações de gênero travesti e configurações de gênero no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 52, n. 1, p. 405-411, 2009.

GARCIA, Clayton. O Preconceito e a Intolerância no Brasil. **Júndiaí Online**, 01 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.jundiaionline.com.br/colunistas/o-preconceito-e-a-intolerancia-no-brasil-66>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1115-1119, out.-dez. 2009.

GRUPO GAY DA BAHIA. Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2014. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

GOMI, Juan Carlos. Alta de assassinatos assusta comunidade transgênero latina. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/alta-de-assassinatos-assusta-comunidade-transgenero-latina>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

HOT FLOWERS. Disponível em: <<http://www.hotflowers.com.br/>>. Acesso em: 03 set. 2015.

HUFFPOST BRASIL. A LGBTfobia nossa de cada dia. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/03/24/preconceito-lgbt_n_9542518.html>. Acesso em: 30 abr. 2016.

IstoÉ Dinheiro. **Dia do Sexo: Mercado erótico movimentou bilhões anualmente**. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20130906/dia-sexo-mercado-erotico-movimentou-bilhoes-anualmente/130272.shtml>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

IRIGARAY, Helio A. R. **Identidades sexuais não-hegemônicas: A inserção dos travestis e transexuais no mundo do trabalho sob a ótica *Queer***. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 6, 2010, Florianópolis, p. 1-15.

JESUS, J. G. 29 de janeiro? Dia nacional da visibilidade de travestis e transexuais. **Boletim Eletrônico do Observatório de Direitos Humanos na América Latina**, Rio de Janeiro, PROEALC/CCS/UERJ, p. 1 - 6, 31 mar. 2013.

JESUS, J. G. **Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos**. Brasília, p. 1-23, abr. 2012.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p. 343-367, jul.-dez. 2009.

JÚNIOR, O. M. R. **Travestis, Transexuais e prostituição**. Disponível em: <<https://oswrod1.wordpress.com/2011/10/24/travestis-transexuais-e-prostituicao/>>. Acesso em: 02 out. 2015.

LAPA, N. **O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em: 11 set. 2015.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MALUF, V. **Excluídas do mercado de trabalho, travestis encontram sustento e aceitação na prostituição**. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2011/12/01/excluidas-do-mercado-de-trabalho-travestis-encontram-sustento-e-aceitacao-na-prostituicao.htm>>. Acesso em: 11 set. 2015.

MOUTINHO, Fabio. **A indústria do sexo e o marketing**. Disponível em: <<https://fabiomoutinho.wordpress.com/2011/08/05/a-industria-do-sexo-e-o-marketing/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

MOTT, L. Homo-Afetividade e Direitos Humanos. Universidade Federal da Bahia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 509-521, mai.-ago. 2006.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Documentário Tabu Brasil: Mudança de Sexo (Dublado)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TvcT5XJf8tA>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

OLIVEIRA, A. C. et al. O mundo travesti não é tão diferente: Reflexões sobre discursos, acesso e atendimento aos serviços públicos de saúde dos travestis em Balneário Camburiú. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 2, n. 29, p. 121-138, jul.-dez. 2014.

PELÚCIO, L. **Corpos que escapam. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009, p. 320-322.

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 217-248, jul.-dez. 2006.

_____. **Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais.** In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, jun. 2008, Porto Seguro. Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Campinas, p. 1-24.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Femininos**, Florianópolis, p. 522-534, mai.-ago. 2010.

PREFEITURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Projeto reinserção social transcidadania. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/cursos/operacao_trabalho/index.php?p=170430>. Acesso em: 05 mar. 2016.

PROFISSÃO REPÓRTER. **O Universo da indústria do sexo.** Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/852649/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

PROFISSÃO REPÓRTER. **Transexualidade.** Exibido em 18 nov. 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d9xHzTeYguo>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

RODRIGUES, Leonardo. **Para sobreviver, pornô brasileiro abandona DVDs e Blu-rays e se reinventa.** Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/para-sobreviver-porno-brasileiro-abandona-dvds-e-blu-rays-e-se-reinventa.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

SANTOS, P. R. Desejos, conflitos e preconceitos na invenção de si: História de uma travesti no mundo da prostituição. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 17, n. 32, p. 223-239, 2012.

SECRETARIA DOS DIREITOS HUMANOS. **Decreto permite uso do nome social em atos e documentos oficiais da administração pública federal.** Notícias, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/abril/decreto-permite-uso-do-nome-social-em-atos-e-documentos-oficiais-da-administracao-publica-federal>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: Ano de 2012.** Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SIERRA, Jamil C.; SIGNORELLI, Marcos C. **Diversidade e educação: interseções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia.** 1ed. Matinhos: UFPR Litoral, v. 1, p. 83-103, 2014.

TEIXEIRA, F. do B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser *européia* e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 275-308, jul.-dez. 2008.

TRANSGENDER EUROPE. Trans respect versus transphobia worldwide: Comparative research data on 190 countries worldwide. **Trans murder monitoring 2015**. Disponível em: <<http://transrespect.org/en/map/legal-gender-recognition-change-of-name/>>. Acesso em: 17 nov. 2015

TUSSI, F. P. A travesti e o gênero: o corpo “todo feito” de ambiguidades, especificidades e curiosidades. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 26, p. 323-327, jul.-dez. 2006.

UOL. “**50 Tons**” esquentando mercado erótico; veja os mais vendidos. UOL Mulher, Comportamento. São Paulo, 06 fev. 2015. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2015/02/06/50-tons-esquentando-mercado-erotico-veja-mais-vendidos.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

VERAS, E. F. Uma genealogia dos corpos que mudam. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 369-375, jan.-jun. 2013.

WYLLYS, Jean; KOKAY, Érika. Projeto de Lei João W. Nery - Lei de Identidade de Gênero, 2013. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1059446.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

CARTOLA AGÊNCIA DE CONTEÚDO. Gêneros Sexuais. **Terra Educação**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/vc-sabia-generos-sexuais/>>. Acesso em: 02 jun. 2016

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Psicanálise, sexo e gênero**. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1483> Acesso em: 02 jun. 2016

STOLLER, Robert. **Recherches sur l'identité sexuell 1978**. Paris : Gallimard, 1978.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica. **Mulher e políticas públicas**. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991. Pg.23-28.

Título do texto. In: Sexualidade, Gênero e Sociedade ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

OLINTO, Maria T. A. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. **Revista brasileira de epidemiologia**, vol. 1, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v1n2/06.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2016

CAPPELLE, Monica C. A.; MELO, Marlene C. O. L. et. al. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero. Gênero no espaço organizacional. **Revista de Administração de Empresas online**, v. 3, n. 2, Art. 22. Jul.-dez. 2004. Disponível em:

<<http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1663&Secao=FOR.ESTCRI&Volume=3&Numero=2&Ano=2004>>. Acesso em: 05 jun. 2016

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. Interface - **Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n.26, p.499-512. Jul.-set. 2008. Disponível em: <joga o link aqui>. Acesso em: 11 jun. 2016

ARÁN, Marcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. **Transexualidade e saúde pública no Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a15v14n4.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2016

AMARAL, Marília dos Santos; SILVA, Talita Caetano et. al. **Revista Psicologia & Sociedade**, n. 26(2), pg. 301-311. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a07v26n2.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016

TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. **Histórias que não têm era uma vez: As (in)certezas da transexualidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a11.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2016

ALMEIDA, Guilherme. **“Homens Trans”: Novos matizes na aquarela das masculinidades?** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a12.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2016

PETRYA, Ana Lídia Rodolpho. **Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36n2/pt_1983-1447-rgenf-36-02-00070.pdf> Acesso em: 21 jun. 2016

NARDI, Henrique C; LOMANDO, Eduardo. **Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a13v37n98.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2016